

## **A construção do discurso político do Grupo Sarney e o seu aparelhamento midiático: do Cinema Novo ao Palanque Eletrônico no Maranhão frente à Frente da Libertação do Maranhão**

Cesar Veiga Arruda<sup>1</sup>

Centro Universitário do Maranhão-CEUMA  
arrudaveiga@hotmail.com

Márcio Aleandro Correia Teixeira<sup>2</sup>

Centro Universitário do Maranhão-CEUMA  
márcio.aleandro@yahoo.com.br

**Resumo:** O estudo analisa a construção do discurso político do grupo liderado por José Sarney no Maranhão no período de 1966 a 2006, articulando linguagem, mídia e poder. Esta pesquisa parte da implantação do “Maranhão Novo” por José Sarney quando se institui uma narrativa baseada na oposição entre atraso e modernidade, sustentada por práticas discursivas que produzem sentidos e legitimam a dominação política. Examina-se a dinâmica interna do campo político, marcada pelo fenômeno “grupo Sarney *versus* grupo Sarney” revelando rearranjos constantes de alianças. Destaca-se o papel do documentário *Maranhão 66* do cineasta Glauber Rocha como um elemento simbólico na consolidação da imagem do líder José Sarney. Analisa-se ainda o uso estratégico do sistema midiático como instrumento de controle político e produção de crenças pelo grupo Sarney. Por fim se aborda a inflexão de 2006 com a derrota do grupo diante da Frente de Libertação indicando nova reconfiguração do poder local.

**Palavras-chave:** poder local, oligarquia, representações, identidades, discursos, mídia.

### **The Construction of the Political Discourse of the Sarney Group and Its Media Apparatus: From Cinema Novo to the Electronic Platform in Maranhão in the Context of the Frente de Libertação do Maranhão.**

**Abstract:** The study analyzes the construction of the political discourse of the group led by José Sarney in Maranhão between 1966 and 2006, articulating language, media, and power. This research begins with the implementation of the “Maranhão Novo” project by José Sarney, through which a narrative grounded in the opposition between backwardness and modernity was established, sustained by discursive practices that produce meanings and legitimize political domination. It examines the internal dynamics of the political field,

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais (UFMA), Bacharel em Direito (FACAM). Discente do Programa de Mestrado em Direito e Afirmação de Vulneráveis da Universidade Ceuma. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8014173849638075> Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5945-0685>

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito e Instituições do Sistema de Justiça (PPGDIR), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor Orientador do Mestrado em Direito e Afirmação de Vulneráveis, da Universidade Ceuma. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7334929244263459> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1640-9527>

marked by the phenomenon “Sarney group versus Sarney group,” revealing constant rearrangements of alliances. The role of the documentary *Maranhão 66*, directed by Glauber Rocha, is highlighted as a symbolic element in consolidating the leader’s image. The study also analyzes the strategic use of the media system as an instrument of political control and belief production. Finally, it addresses the 2006 inflection, with the group’s defeat by the Frente de Libertação, indicating a reconfiguration of local power.

**Keywords:** local power, oligarchy, representations, identities, discourses, media.

## 1 – Introdução

Apresento o momento da transformação do arcabouço do modelo oligárquico adotado pelo grupo Sarney no Maranhão iniciado com o a implantação do Maranhão Novo do Governador José Sarney em 1966 que se modernizou no chamado “coronelismo eletrônico” como fruto de um discurso transmitido por sistemas de informação que possibilitaram a sua manutenção no poder local por meio de um aparato tecnológico de mídia e comunicação.

Trata da construção do discurso político e do aparelhamento midiático do grupo Sarney no Maranhão iniciado com a legitimação simbólica do “Maranhão Novo” à consolidação do coronelismo eletrônico.

Será delimitado à análise das práticas discursivas e dos mecanismos de produção de sentido empregados pelo grupo Sarney no Estado do Maranhão no espaço compreendido entre 1966 e 2006.

O problema central se orientará pela discussão dos seguintes termos: De que modo o discurso político do grupo Sarney estruturado a partir da dicotomia simbólica entre “atraso” e “modernidade” e amplificado por um sistema midiático próprio, contribuiu para a manutenção e reconfiguração do poder político no Maranhão culminando na sua inflexão com a emergência da Frente de Libertação do Maranhão?

Esta pesquisa tem como objetivo geral a análise da construção e das reconfigurações do discurso político do grupo Sarney no Maranhão a partir da articulação entre práticas discursivas, da produção simbólica e do aparelhamento midiático.

Conceição (2000) abordou como as relações do jornalismo com o discurso e suas representações vão definir padrões de aliciamento por parte de grupos políticos no Maranhão e como foi desenvolvido pelo Grupo Sarney em que se cunhou o termo “coronelismo eletrônico”.

No espaço da política do Maranhão há uma prática social dialógica na qual o político pelo uso de uma linguagem sociolinguística “produz” o sustento de práticas políticas locais.

O tempo político desses agentes embaralha-se nos seus discursos que usam uma linguagem performática construída historicamente em dois pontos com as seguintes extremidades: o “apogeu” e a “decadência” do Estado do Maranhão.

Este estudo fez um breve alinhavado entre os anos de 1966 ao de 2006, primeiramente vimos em 1966 o “xamã” José Sarney “poetificando” na sua posse como Governador as agruras do Estado, assim iniciando o Maranhão Novo<sup>3</sup>:

O Maranhão não suportava mais, nem queria, o contraste de suas terras férteis, de seus babaçuais ondulantes, de suas fabulosas riquezas potenciais, com a miséria, com a angústia, com a fome, com o desespero, das puítas que não levam a lugar nenhum, senão ao estágio em que o homem de carne e osso, é o bicho de carne e osso. (Glauber Rocha, 1966, tempo: [min:seg])

Na outra quadra do tempo estudado, já em 2006, no segundo turno da eleição para Governador em que ocorrera a disputa entre Roseana Sarney e Jackson Lago que saiu vencedor, o articulista José Sarney fala em artigo no jornal O Estado do Maranhão (OEM) “A mentalidade de Jackson é do século XIX. Sua cabeça está impregnada do ódio e da vingança de um tempo que já passou. Roseana é o avanço, é o futuro. A decisão é se o Maranhão vai caminhar para frente ou andar para trás.” (A hora da decisão, 2006, p. 1).

No OEM aquela eleição entre o “atraso” e o “futuro” é assim traduzida:

No caso do Maranhão, o eleitorado vai escolher hoje entre a modernidade e o atraso. Com a experiência de quem governou o estado por dois períodos consecutivos, durante os quais revolucionou a máquina estatal e introduziu um novo conceito de administração pública, Roseana Sarney simboliza, claramente, o futuro, os tempos modernos e uma geração de políticos jovens (A hora da decisão, 2006, p. 1) [...]

Como se percebe, a teorização do apogeu e da decadência do Maranhão é explicada pelo discurso permanente amplificado da revitalização do Maranhão bastante utilizado como prática no mercado linguístico maranhense; veja:

O discurso da decadência, o discurso do apogeu do passado, o discurso da revitalização do passado, o discurso da idealização do passado sobre o Maranhão, presentes nas formulações, explicações e produzidos nos campos intelectual e político, têm suas bases assentadas nas relações e lutas travadas no campo intelectual assim legitimadas. Relacionam-se, nesse sentido, à construção de uma representação de um Maranhão cortado pelos planos de tempo – passado, presente e futuro, intrinsecamente ligadas, em que um não existe sem referência ao outro. (Gonçalves, 2000, p. 46)

O tempo no Maranhão se embaralha nessas práticas discursivas. Os discursos vão influenciar práticas políticas locais que ficam à mercê dos passados remoto e próximo, do presente e da esperança num futuro. Nessa costura, percebe-se a sublimação de um arquétipo de um “messianismo político”.

Há um cruzamento de ideias de tempo que vem permitindo a construção de espaços políticos inacabados. Esse tempo possibilita o arcabouço da movimentação do poder local, ou seja, o

---

<sup>3</sup> **Maranhão 66: posse do governador José Sarney.** Direção de Glauber Rocha. MAPA – Luiz Carlos Barreto e Zelito Viana. Brasil: 1966. Rio de Janeiro: MAPA, 1966. [DVD]. (Tempo de duração não identificado), p & b.

deslocamento e o comportamento dos grupos políticos no tempo “atemporal”. Portanto saiu o vitorinismo<sup>4</sup>, entra o sarneísmo<sup>5</sup>. Por hora, o sarneísmo caiu, ou está em estado hibernar?

Destaca-se sobre essa categoria de “tempo” no terreno da construção do sarneísmo como:

Desta forma, o chamado presente decadente está referido ao dito passado de apogeu e voltando à mesma linha, o futuro revitalizado está referido, também, a esse passado, rompendo com uma decadência presente. (Gonçalves, 2000, p. 46)

Essa polissemia do discurso político acompanha o tempo institucionalizado num “grande tempo”. O discurso é o mesmo para a audiência – o eleitor. Os agentes políticos construíram historicamente o grande tempo, deixando-o permanentemente sendo revitalizado e reinterpretado, mas usando a mesma linguagem performática e as mesmas condições de produção da linguagem. Constructo bem elaborado pelo sarneísmo.

Para Medrado (1999) utilizando-se do discurso político vê-se o “pequeno tempo” e o “grande tempo”. O pequeno tempo é o dia de hoje, o passado recente, o futuro esperado. O grande tempo é um diálogo com o infinito, sendo considerado inacabado.

Para o controle político local a prática discursiva do grupo Sarney ficou com o faturamento da produção de sentidos por meio do uso de seu aparelhamento midiático à época.

## **2 – A “macbethização” da política local: um recorte etnográfico do grupo Sarney versus “grupo Sarney”**

Quase sempre o discurso político local passa pela revitalização do Maranhão: é o discurso da decadência que sempre aponta para o apogeu do passado do Maranhão, a revitalização do passado, a idealização do passado.

O grupo Sarney sabiamente usa a ideologia da decadência para sustentar discursos sobre o Maranhão os quais estarão sempre referidos a um período de apogeu – o passado, e um período de decadência – o presente.

---

<sup>4</sup> Após o processo de “redemocratização” (pós-1945) a história política maranhense adquiriu uma gradação diferente com o vitorinismo. Costa (2004) diz que aqui ocorreu um “padrão” diferente daquele dominante na maioria das unidades da Federação. Já o autor Conceição (2000) apresenta sobre o vitorinismo como “Vitorino Freire, que nunca a disputou o governo do Maranhão por razões estratégicas, monopolizou o poder regional de 1946 a 1965. Para Caldeira (*apud* Borges, 1998) “esse domínio – caracterizado sobretudo pela revelação e constituição de lideranças locais que se subordinavam à orientação e se submetiam às decisões políticas do senador Vitorino Freire – se tornara realmente possível devido à posição desfrutada pelo senador junto ao governo central e as lideranças do pessedismo nacional”.

<sup>5</sup> Caldeira *apud* Costa (2004) diz que “[...] o sarneísmo, de modo direto, não é produto do udenismo local, [...] é diretamente produto da Revolução de 1964 (ou mais especificamente dos Governos Castelo Branco e Costa e Silva) e da própria ARENA.”. Costa (2004) continua afirmando que a posse do clã Sarney significou “[...] um protesto contra o abandono a que foi relegada a nossa terra, tão imponente em sua tradição cultural, tão bela em sua fisionomia histórica,...., tão frágil, como um brinquedo, nas mãos dos governos irresponsáveis”. A interpretação histórica ainda hoje repetida em círculos palacianos e publicações, segundo Costa (2004) a sua ideia central é que com a eleição e posse de Sarney “o vitorinismo, como sistema de prática política e administrativa, estava definitivamente aniquilado no Maranhão inteiro”.

Os enunciados discursivos do sarneísmo, assim como seus produtos políticos de intervenção da realidade local, não encerram uma homogeneidade, pois as relações de forças estabelecidas nas disputas locais constroem posições e disposições dos agentes políticos em permanente mudança de posicionamentos políticos.

É a dialética do grupo Sarney *versus* “grupo Sarney”, ora um político que é cria de Sarney dissipa-se, ora volta para o seio do clã.

A sociedade civil maranhense estaria moldada numa ambiguidade e hibridismo que resultariam numa letargia? Isso significa que não existam movimentos sociais locais? Na sociedade seus movimentos sociais estariam num amálgama?

O autor Caldeira (1978) percebia em seus estudos a sociedade civil maranhense sem crise em contrapartida via o poder local “em crises internas”.

Continua Caldeira (1978) que os conflitos políticos locais não tinham por finalidade “propor a alteração das formas de relacionamento entre o poder político e a sociedade”.

Portanto há recorrentes crises entre o grupo Sarney e seus adversários os quais um dia tiveram pertencimento no “grupo Sarney”. Portanto foram crises do grupo Sarney *versus* “grupo Sarney”.

Infere ainda Caldeira (1978) que a dimensão das crises processadas na esfera do poder local não fora de grande magnitude que os níveis de profundidade jamais foram capazes de denunciar a existência de “instabilidade política dentro do seu circuito gravitacional”.

Aquele estudioso via essa dimensão das crises como a longevidade dos discursos (mandonismos políticos) que também se configurava na estabilidade dos sujeitos – a sociedade maranhense.

O grupo que melhor conduzisse esse sistema fica na condução, entretanto se não acompanhar as mudanças estruturais da logística do poder, perderia seu espaço político, sairia da arena do poder.

José Sarney quando não estava no palco, acompanhava pela coxia. E com excelente atuação no quadro político. Que diria o “demiurgo” hoje?

### **3 – Urubus, lixão e babaçuais prósperos: Maranhão 66 um dos expoentes do Cinema Novo de Glauber Rocha e a ascensão do grupo Sarney**

As imagens e sons do filme-documentário *Maranhão 66* de Glauber Rocha<sup>6</sup> vão tratar de dramas vividos por atores sociais – os maranhenses – os quais seriam atrelados ao discurso do “novo” Maranhão de José Sarney no ano de 1966.

A trama inicia-se com o recém eleito Governador José Sarney caminhando em direção ao seu anunciado destino, ou seja, ao seu “totem”: o Palácio dos Leões. Vê-se noutra ângulo a multidão em festa, palmas, louvação para o discurso do orador. O povão no seu eterno papel saudando a “libertação do Maranhão” e a conquista da autonomia política de São Luís. Estaria o Maranhão ainda congelado na lente glauberiana?

Os símbolos criados funcionaram como “aparelhos” usados no “campo” Maranhão Novo na sedução da audiência. Em frente ao Palácio dos Leões o então Governador discursou em rede de rádio e TV.

Costa (2001) aponta que foi um espetáculo indescritível com “faixas e cartazes, com dísticos, sintetizando as esperanças do povo no seu governante”. O povo “em delírio” ouviu o pronunciamento com “empurrões, gritos, requebros dos integrantes das escolas de samba, charangadas, etc.” Um desvario; uma pagodeira jamais vista dizia aquele autor.

Ainda Costa (2001) alinhavou como as estratégias de agressão adotadas no documentário pelo cineasta, especialmente a montagem vertical (imagem e som independentes entre si), pretendiam expressar nessa montagem elementos de dinamização da expressividade e de provocação, como num jogo com fragmentos da realidade os quais são fragmentos sendo combinados e recombinaados pelo olhar estético glauberiano em que se desvendaria um “novo” Maranhão subjetivo.

Jogava-se com a descontinuidade, com a “interrupção da ordem lógica das sequências, criando blocos autônomos de imagens”, causando estupor, assim resultando num Maranhão grotesco, alegórico, pincelado num retrato que vai despedaçando-se com sua galeria de famintos e doentes. Isso seria o Maranhão vitorinista<sup>7</sup>? Algo que ficou para trás?

---

<sup>6</sup> Esse cineasta brasileiro desenvolveu o documentário *Maranhão 66* com os postulados e técnicas do “cinema-verdade” um movimento surgido na Europa no fim da década de 1950 que influenciou o “Cinema Novo” no Brasil, ou seja, tomara a realidade sem artifícios, com a câmera na mão, conforme apontou Costa (2001). Foi exercitada a linguagem do “filme-documentário”; continua Costa (2001) que o filme apresentava-se como “reportagem cinematográfica”, constituindo-se num teste da linguagem e numa crítica da forma do cinema documentário.

<sup>7</sup> Interpretação histórica ainda hoje repetida em círculos intelectuais locais sinaliza que com a eleição e posse de Sarney houve o fim do vitorinismo visto pelos autores Cabral (2004) e Conceição (2000) como um sistema de prática política e administrativa, ou seja, uma estrutura política-administrativa marcada por 20 anos “ininterruptos de corrupção”, sob a tutela política do senador Victorino Freire (PSD).

Palavras soltas são citadas “terras férteis, babaçuais, miséria, fome, desespero”. A câmara perscruta lentamente ambientes sujos, destruídos. Seriam signos de morte da ocupação vitorinista? Acaso, existiriam novos signos diferenciados no “tempo de hoje”?

Será que o Maranhão de “hoje” está cifrado no de “1966”?

No *Maranhão 66* uma segunda voz também se pronuncia em contraste a outras falas repletas de erros gramaticais das pessoas do povo: é a fala culta e estilizada do acadêmico José Sarney, constata Costa (2001). O “mago” José Sarney, a partir daí, começa sua disputa simbólica e constrói sua legitimidade no poder local.

O atributo “novo” de Maranhão Novo traz no seu bojo, locuções políticas e literárias, mas também os atos planejados de intervenção, em referência ao discurso da chamada decadência do Maranhão.

#### **4 – *Tutti in famiglia* – os movimentos efetuados pelas forças políticas locais na construção de “identidades político-culturais” do e no Maranhão como a construção do sarneísmo “mitificou” a figura de José Sarney**

As articulações de símbolos, do imaginário coletivo e das representações funcionaram como aparelhos utilizados desde o Maranhão Novo pelo “clã” Sarney com o propósito de seduzir o eleitor, consequentemente, o leitor, e o ouvinte.

Nesse contexto a mídia assumiu papel relevante na produção de sentidos para o sujeito – a audiência, ou seja, a sociedade maranhense.

O poder da mídia é um instrumento de consciência moderna que confere “visibilidades e verdades” sem precedentes aos acontecimentos, nos aponta Medrado (1999):

Propomos, assim, que a mídia não é apenas um meio poderoso de criar e fazer circular conteúdos simbólicos, mas possui um poder transformador ainda pouco estudado – e, talvez, ainda subestimado – de reestruturação dos espaços e interação propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentidos. (Medrado, 1999, p. 58)

Sobre essas práticas discursivas como enunciados, como conteúdos na construção de um processo de sedução tanto do eleitor, como do leitor e do ouvinte:

Podemos definir, assim, *práticas discursivas* como linguagens em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os *enunciados* orientados por *vozes*; as formas, que são os *speech genres* (definidos acima); e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos. (Medrado, 1999, p. 45)

O sarneísmo decorreu do “projeto” Maranhão Novo no qual o sistema midiático utilizado “pelo” e “do” grupo assumiu papel crucial de produção de sentidos, visto que funcionou como um instrumental de consciência política local que transformou os campos simbólicos existentes.

Na relação social com os atores (eleitor – ouvinte – leitor) o sistema midiático sarneísta cria o seu “tempo” e seu “espaço” com o uso de “fabricação de crenças”.

O grupo Sarney detinha nos anos 2000 inúmeras emissoras de rádio e televisão que cobriam 80% do território maranhense.

O grupo tinha 04 emissoras de televisão que retransmitem a Rede Globo (afiliadas da TV Globo em São Luís, Imperatriz, Santa Inês e Codó), 14 emissoras de rádio (FM e AM) que juntas controlavam o jornal diário de maior circulação, O Estado do Maranhão beneficiário direto e indireto de 21 RTVs; é o Sistema Mirante de Comunicação “o mais notável exemplo de gestão da informação”.

Possuía o Sistema Meio Norte de Comunicação que se estendia do Piauí onde publicava o jornal Meio Norte e também repetia a programação do SBT, a partir de Timon.

Esse império midiático funcionou sob a batuta de Fernando Sarney, filho de José Sarney, e de sua mulher, Teresa Murad irmã do marido de Roseana Sarney, Jorge Murad.

José Sarney não tem seu nome incluído no cadastro de concessionários de emissoras de rádio e televisão do Ministério das Comunicações, mas a família Sarney é representada no cadastro oficial pelos seus filhos: Sarney Filho, a deputada Roseana Sarney (MDB-MA) e Fernando Sarney.

A mídia controlada pelo Sistema Mirante detinha, segundo dados de 1993, 57 emissoras de rádio e TVs controladas por aliados políticos.

O rompimento do Governador José Reinaldo em 2004 com o Grupo Sarney deu-se quando deixou de custear o Sistema Mirante de Comunicação, o sistema sócio-tecnológico de mídia que ampara o sarneísmo no Maranhão.

Esse aparelhamento midiático do grupo sofreu grande revés com esse rompimento. O Governador aproximou-se de ex-adversários como Roberto Rocha e Aderson Lago (PSDB), Jacson Lago e Tadeu Palácio (PDT), Edson Vidigal (PSB) e de políticos do PT, com os quais fundou a “Frente de Libertação do Maranhão”, no início de 2005, grupo que veio derrotar a candidatura ao Governo Estadual de Roseana Sarney em 2006.

## **5 – Admirável Maranhão Novo: a mimese de Roseana Sarney e seu *Novo Tempo* construídos eleitoralmente no segundo turno de 1994**

A mídia sarneísta assumiu papel crucial na produção de sentidos desde a chegada de Sarney ao poder em 1966 funcionou como um instrumento da consciência política local.

Cabe assinalar principal fato político no ano de 1994. Nesse ano no segundo turno da eleição para Governador por meio de sua liderança José Sarney consegue desabonar Cafeteira, o adversário de sua filha Roseana Sarney, por meio da prática desse discurso que criou configurações e reconfigurações dos espaços público e do privado:

Nessa perspectiva, como aponta John Thompson (1995 a; 1995 b), a mídia nos leva a uma clara reconfiguração das fronteiras entre os espaços público e o privado e à progressiva emergência de uma nova dimensão regulatória [...] (Medrado, 1999, p. 58)

A mídia possui um poder transformador que reestrutura os espaços simbólicos por meio de produção de sentidos. Portanto o sistema de forças da mídia do grupo Sarney vai ser o principal referencial na medição de forças entre os grupos políticos locais – novamente a disputa do grupo Sarney *versus* o “grupo Sarney”.

Na relação social com o ouvinte e o leitor esse sistema de informação midiático vem criando o seu “tempo” e seu “espaço” nas práticas e nos costumes políticos maranhenses.

Percebeu-se uma estreita relação promíscua do capital midiático com os poderes públicos constituídos, pois verbas publicitárias pagas pelos entes estatais servem como moeda de troca para a criação de símbolos que deixam a audiência inebriada, anestesiada pelo teatro político e pelo teatro do político.

Assim teria sido o Maranhão Novo, de José Sarney, clonado pelo Novo Tempo de Roseana Sarney? Destaca-se a visão da autora Silva (2001) sobre o Maranhão Novo:

Durante a ditadura militar, a gestão do “Maranhão Novo” procurou demarcar uma ruptura com tudo que era identificado com o “atraso” [o tempo que já foi], cunhando a marca do “moderno” [o tempo que já é] como traço distintivo do discurso da “oligarquia Sarney”, por meio do qual desqualifica toda proposta de desenvolvimento fora de seus domínios. O “moderno” neste discurso é identificado com a implantação de um aparelho burocrático e com um quadro de funcionários de “reconhecida capacidade técnica”, supostamente guiados pelos princípios da imparcialidade e pelo compromisso coma reconstrução do Maranhão. (Silva, 2001, p. 159)

Portanto concluiu Silva (2001) que o Maranhão Novo identificou-se com a competência e os princípios da burocratização, que o “clã” Sarney apresentou-se nos sucessivos governos voltado fundamentalmente para administração, de tal forma que, além de viabilizar as condições de reprodução do capital, ainda mascarou o projeto político de dominação de classe.

José Sarney resume em artigo a importância de sua passagem na política local nos últimos quarenta anos, tratou dos seus antagonistas, de seus renegados, por fim, sua mensagem era retirar o Maranhão do “atraso e dos baixos processos políticos”, texto publicado no OEM; segue:

Para suceder-me lutei bastante para fazer um nome acima de qualquer suspeita: Pedro Neiva de Santana. Embora tenhamos nos atitado no fim do mandato [...] Depois, o senador Victorino Freire indicou o dr. Nunes Freire para suceder Pedro Neiva. Nunca ninguém me acusou de mandar no seu governo. [...] Para sucedê-lo, consegui articular a candidatura de João Castelo, porque achava que precisávamos renovar [...] Castelo fez muitas coisas. Era acusado de ser meu filho e sofreu críticas da oposição [...] Castelo resistiu à candidatura de Luiz Rocha, outro jovem talentoso e que sofreu muito. [...] Nunca ninguém me acusou de ser envolvido nas injustas acusações que lhe faziam. Seus filhos estão aí e são contra mim. Foi sucedido por Cafeteira, que fez excelente governo. Eu era presidente, ele foi um bom administrador e fez muito pelo Maranhão [...] Sucedeu-lhe Edison Lobão, excelente homem público [...] foi um exemplo de lealdade e caráter para comigo. Depois veio Roseana e dos serviços que prestei ao Maranhão, considero o maior, ter dado ao estado essa líder carismática, competente, humana, que fez uma extraordinária administração. [...] Sucedeu-a José Reinaldo. Não vou falar. [...] o Maranhão voltou ao tempo da chibata e da perseguição. Este o balanço dos meus 40 anos de oligarquia. Todos que pertenceram a ela se auto-incriminam. Perderam a memória. Filhos renegam país. Governadores se confessam

corruptos e abjuram o que fizeram. O próprio dr. Jackson Lago foi brindar com Roseana e comigo, com uma taça de champanhe, esses 40 anos, quando o apoiamos para prefeito. Fui a vida inteira um servidor do Maranhão. (A hora da decisão, 2006, p. 1) [...]

Dessa forma o agente José Sarney construiu historicamente seu discurso, deixando-o permanentemente sendo revitalizado, reinterpretado, redirecionado e repaginado nesses quarentas anos de vida pública usando linguagem performática e as mesmas condições de produção dessa linguagem.

O projeto Maranhão Novo deixou como legado um programa econômico integrado às necessidades da expansão do capital monopolista no âmbito nacional, onde o Estado do Maranhão, por meio de vários de seus aparelhos, garantiu o arcabouço jurídico e as condições de infraestrutura para a expansão do capital cujos reflexos foram estendidos aos governos estaduais seguintes.

Naquela eleição de 1994 como articulista José Sarney expôs o caso Reis Pacheco<sup>8</sup> em sua Coluna Sarney do OEM em que na esteira dessa história político-policial consegue a vitória de sua filha Roseana Sarney para o Governo do Estado no segundo turno desse ano.

Sarney teve como propósito esvaziar as potencialidades políticas do *slogan* da oposição de Cafeteira: a "Liberdade".

A partir do caso Sarney apresenta-se como “o defensor do Maranhão”, pois cobra uma explicação de Cafeteira, candidato opositor à sua filha Roseana, para o que aconteceu com Reis Pacheco; não abre mão da sua autoridade como “filho” e “benfeitor do Maranhão”.

Do seu lugar construído faz a “apropriação de sentidos” do leitor-eleitor; como líder reafirma a sua posição de defender o Maranhão de “nomes falados e mal falados”. Cobra uma posição e apela para a cumplicidade do povo procurando recompor a sua relação com o povo.

A Coluna no OEM também vai apontar para uma conjuntura de consagração da filha Roseana Sarney em artigo "Um novo tempo uma nova geração". A assistência (os sujeitos) iria confirmar uma vontade divina "[Roseana Sarney] Fez-lhe querida do seu povo, amada pelos seus pais, idolatrada pelos seus amigos".

O desfecho estava predito e predicado: "Roseana vai fazer um governo brilhante"; "Roseana vai governar sem ódio, sem ressentimentos, sem mágoas".

Conceição (2000) narra como o caso Reis Pacheco traçou mais um capítulo da “topografia política maranhense”:

Segundo a denúncia [de José Sarney], para vingar a morte de seu sogro, Cafeteira teria mandado policiais seqüestrarem, por duas vezes, o irmão do “denunciante”. Na primeira vez, Reis Pacheco teria conseguido fugir e denunciar a tentativa de seqüestro e desova. Na segunda, os policiais teriam obtido êxito. O denunciante, diante “dos fatos”, pedia o

---

<sup>8</sup> No artigo o colunista José Sarney acusa o concorrente de sua filha, Cafeteira, pelo desaparecimento do ferroviário José Raimundo dos Reis Pacheco que num acidente automobilístico causara a morte do sogro do candidato adversário. Depois “Reis Pacheco” aparece vivo; assim, é dissipada a construção do discurso sarneista contra Cafeteira.

Julgamento do senador Cafeteira pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) e providências à Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH) contra o que seria mais um [uma] violação dos direitos humanos cometida pelo candidato da oposição quando do exercício do governo do Estado do Maranhão. (sic)

As vésperas do segundo turno o deputado Juarez Medeiros (PSB), vice na chapa da "União pelo Maranhão", localizou Reis Pacheco no interior do Estado do Pará, onde vivia com a família após sofrer, uma tentativa de seqüestro em 1988. Depois das eleições, a Polícia Federal, convocada pela Justiça Federal para apurar a denúncia de "Anacleto dos Reis Pacheco", concluiu que a denúncia era tão falsa quanto a identidade do denunciante. Mas se não existia nenhum irmão de Pacheco com o nome "Anacleto", o advogado do "denunciante" era de carne e osso: Miguel Cavalcante Neto, residente em Fortaleza (CE) e ex-empregado de Sarney. Cafeteira, que perdeu as eleições por 18 mil votos, sufocado por uma "tempestade de panfletos, notícias de rádio, jornal e televisão, cestas básicas, boatos, pacotes de leite, dinheiro vivo e coação" (Rodrigues, 1995, p. 43), tentou utilizar este e outros indícios, como as ligações telefônicas do advogado para a casa (São Luís) e o escritório (Brasília) de Sarney, durante o episódio "Anacleto dos Reis Pacheco", para, sem sucesso, responsabilizar o ex-presidente pela farsa e pleitear a recontagem dos votos. (Conceição, 2000, p. 13)

## **6 – O desmoronamento (?) da oligarquia sarneísta no segundo turno de 2006 diante da Frente da Libertação. O grupo político que não acompanhar as mudanças estruturais da “logística do poder” perderá novamente seu espaço político sai da arena do poder?**

O OEM (2006) nos apresenta de forma sinóptica a construção da “Frente da Libertação” que saiu vitoriosa no segundo turno da eleição para Governador em 2006 e que teve seu início no ano de 2004 quando o Governador José Reinaldo, vice de Roseana na eleição anterior assume o governo, depois rompe com o grupo Sarney iniciando um processo de aproximação com seu ex-adversários Roberto Rocha (PSDB) e Jackson Lago (PDT).

Jackson Lago fora adversário de José Reinaldo no segundo turno da eleição para Governador no ano de 2002; entrou com uma ação na Justiça Eleitoral pedindo a cassação do mandato do então governador por abuso econômico nessa campanha eleitoral.

Em 2002 José Sarney, conforme JP (2002), apontava o pupilo “[José] Reinaldo, disse Sarney, exibe a ‘maior bagagem’ que um candidato ao governo do Maranhão já teve[...]”.

Nesse mesmo ano o JP (2002) apontava que convênios com prefeituras realizados pelo Governador José Reinaldo possibilitariam sua reeleição naquele ano:

Um verdadeiro derrame de dinheiro público no Governo José Reinaldo Tavares, no Maranhão, a partir de 30 de abril de 2002, intensificado nos meses de maio, junho e julho, pode ser constatado com uma simples observância nos convênios mantidos com prefeituras maranhenses. Nesse período, antevéspera da campanha de Reinaldo à reeleição, foram conveniados 96 milhões, 115 mil, 581 reais e 47 centavos. (JP, 2002, p. 07)

Anos depois em 2006 o articulista José Sarney, em Coluna no OEM (2006), muda a narrativa sobre o outrora pupilo José Reinaldo:

Amanhã temos uma data grandiosa para o Maranhão: deixa a cadeira de governador que desonrou e vai para a sua insignificância o judas José Reinaldo. Nunca na história do Maranhão, viu-se um governante de tamanha miséria moral. A começar pelo exemplo familiar. [...] saiu a condenar os quarentas anos de política por mim exercidos no Maranhão, período em que ninguém mais do que ele se aproveitou. Foi na verdade, o maior beneficiário desse período. (OEM, 2006, p. 01)

Percebemos claramente o contorno político do embate de forças locais que ora tangenciavam com o “clã” Sarney, ora se distanciavam do seio do clã.

Esses atores políticos são *mutatis mutandis*, ou seja, o político que discursa numa eleição a favor de um desafeto, noutra sobe em palanque com opositor, já noutra eleição abraça adversário, e na seguinte detona o colega da sua coligação partidária.

Nossos políticos grudam-se aos sabores e dissabores das costuras e remendos realizados no espaço local orquestrados pelo grupo dominante. Assim o “tempo-político” no Maranhão é fluido, frouxo, atemporal, sem história.

Esse tempo é uma massa constantemente modelada pelo grupo Sarney; forma-se o paradoxo: grupo Sarney versus “crias do grupo Sarney”. Há uma *interface* antagônica nos grupos políticos locais; portanto o grupo Sarney adquire contorno consoante à contextualização histórica e o clamor dos acontecimentos nos espaços políticos construídos.

Desse modo, fica difícil falar-se de “grupo Sarney”, defini-lo, enfim alinhavá-lo. O próprio Sarney discorreu no OEM (2007) sobre como os políticos locais maculam a “sua” política:

[...] na política continuamos na velha politicagem, aquela mesma que João Lisboa descreve, das facções, ora juntas, ora separadas, divisões, a política pela política, sem nenhum plano, nenhuma estratégia. Parece que o tempo não passou. Era o mesmo em que João Lisboa transcreve de um pasquim do século XIX, a “Lagartixa”: “Desapareceu um bode pardo chifrudo, catinguento, tem uma bicheira na perna, que o apanhar e levar pelo cabresto será gratificado pelo governo com um quartilho de carrapato branco”. Eram assim a política e a economia. Do deboche e da pobreza do bode. (OEM, 2007, p. 01)

Merece darmos destaque a gênese da Frente da Libertação iniciada em 2004 o Governador José Reinaldo extingue a Gerência Metropolitana prejudicando o candidato à Prefeitura de São Luís Ricardo Murad (irmão do marido de Roseana Sarney) apoiado pelos sarneístas. Em seguida o Governador apoia o candidato Tadeu Palácio (PDT) apoiado por Jackson Lago – seu antigo adversário, e em 2005 se cria a Frente da Libertação.

As desavenças de José Reinaldo com o grupo Sarney remontam a 2004 quando o Governador José Reinaldo denuncia seu preceptor José Sarney, então Senador e Presidente do Senado federal, no JP (2004):

O governador José Reinaldo Tavares reagiu com indignação ao verdadeiro ato criminoso do presidente do Senado José Sarney, de não incluir na pauta de votação o projeto contra a pobreza do Maranhão. “Não podia haver notícia pior para o Maranhão do que a não inclusão, na pauta de votação do Senado, do projeto de resolução que permitiria o Estado a contrair o empréstimo para combater à pobreza rural. [...] o Programa de Desenvolvimento Integrado do Maranhão (Prodim), encaminhado pelo governador desde 15 de dezembro. [...] Os recursos seriam aplicados em 1.200 projetos, beneficiando todo Maranhão com foco nos 80 municípios mais pobres, abrangendo mais de 80 mil famílias [...]”. (JP, 2004, p. 03)

No JP (2005) se traça como Sarney boicotou o Governo José Reinaldo:

Outra vez – Em dezembro do ano passado, o senador pelo Amapá, José Sarney, ainda presidindo o Senado Federal, deixou de submeter ao plenário o projeto de combate à pobreza rural maranhense, alegando “trancamento de pauta”. A medida foi denunciada como manobra pura e simples para atrapalhar o Governo de José Reinaldo e sua disposição de que fosse

executado um programa inédito no Maranhão, onde as comunidades envolvidas é que definiriam onde e como gastar os recursos, sem interferência política alguma. (JP, 2005, p. 03)

O OEM (2007) em Especial intitulado “Um fracasso chamado Prodim” conclui em matéria:

Com investimentos previstos na ordem de US\$ 40 milhões, sendo US\$ 30 milhões oriundos de um empréstimo do Banco Mundial, o Prodim atenderia 1.600 projetos nos próximos quatro anos. Um ano e quatro meses após ser lançado, o programa se resume a uma só palavra: frustração. Muitos projetos sequer saíram do papel, enquanto outros se resumem a obras inacabadas e sem qualquer previsão de serem concluídas.

Essas desavenças (re)construídas (?) entre a Frente da Libertação e o grupo Sarney são resumidas na fala Sarney quando parafraseia Victorino Freire quando diz: “Quando jaboti está trepado num galho, alguém o colocou lá.”

## **Considerações Finais**

As análises desenvolvidas evidenciam que a construção do discurso político do grupo liderado por José Sarney não se deu de forma episódica, mas como um processo contínuo de produção simbólica ancorado na articulação entre linguagem, tempo e poder.

A narrativa estruturada na oposição entre “atraso” e “modernidade” revelou-se um mecanismo central de legitimação, permitindo a constante atualização do projeto político ao longo de décadas.

Essa construção discursiva operou como fundamento de práticas políticas que reorganizam o passado, interpretam o presente e projetam o futuro consolidando uma temporalidade política específica no Maranhão.

No plano estrutural verificou-se que o aparelhamento midiático desempenhou papel decisivo na manutenção do poder, ao funcionar como instrumento de produção e difusão de sentidos.

A concentração de meios de comunicação possibilitou ao grupo Sarney estabelecer uma hegemonia simbólica, moldando percepções e influenciando a formação da consciência política local.

Ademais, a dinâmica interna do campo político, marcada pelo fenômeno “grupo Sarney *versus* grupo Sarney” demonstrou que as crises e dissidências não implicaram ruptura efetiva do sistema, mas sim reacomodações estratégicas que garantiram a longevidade do modelo de dominação.

O cenário em 2006 sinalizou uma inflexão relevante nesse arranjo histórico, evidenciando limites do modelo discursivo-midiático diante de mudanças na “logística do poder”.

A emergência da Frente de Libertação do Maranhão sinalizou uma reconfiguração do campo político, ainda que inserida em uma dinâmica marcada por continuidades e rearranjos.

O sarneísmo, mais do que um agrupamento político circunscrito a lideranças específicas, configurou-se como uma racionalidade de poder dotada de elevada plasticidade histórica, cuja permanência esteve condicionada à capacidade de rearticular continuamente seus próprios fundamentos discursivos.

Esse dinamismo operou por meio da resignificação recorrente de categorias centrais como “atraso”, “progresso” e “decadência” como conteúdos fixos que assumem sentidos variáveis conforme as exigências conjunturais do campo político.

Essa maleabilidade discursiva permitiu ao grupo reposicionar-se diante de crises, absorver dissidências e reintegrar agentes políticos, mantendo-se como referência estruturante no cenário local.

A transição de práticas tradicionais de dominação para modalidades associadas ao chamado “coronelismo eletrônico” demonstrou a aptidão do grupo Sarney em (re)atualizar seus instrumentos de influência, ampliando sua inserção no cotidiano social por meio de dispositivos midiáticos.

Dessa forma o sarneísmo consolidou-se como uma forma histórica de organização do poder que se sustentou não tão somente por provável coerção ou pela institucionalidade, sobretudo pela contínua reconstrução de legitimidades no plano simbólico e comunicacional.

## REFERÊNCIAS

- “**Adversário histórico**”. O Estado do Maranhão, Estado Maior, São Luís, p. 03. 06 jun. 1990.
- 40 anos de oligarquia**. O Estado do Maranhão, São Luís, p. 01. 19 fev. 2006.
- A hora da decisão**. O Estado do Maranhão, São Luís, p. 01. 29 out. 2006.
- A lição do pai**. Jornal Pequeno, São Luís, p. 03. 16 maio 1986.
- A verdade é uma só**. O Imparcial, São Luís, p. 01. 29 maio 1990.
- Acompanhantes**. O Imparcial, Bastidores, São Luís, p. 03. 22 maio 1986.
- Alberto e Cafeteira mostram o tamanho de suas divergências**. O Imparcial, São Luís, p. 03. 04 maio 1990.
- Alberto não reconhece Ivar como governador**. O Imparcial, São Luís, p. 03. 17 jun. 1990.
- ARRUDA, Cesar Veiga. “CORONELISMO ELETRÔNICO?”: a construção política do Grupo Sarney e o uso do aparelhamento da mídia do Maranhão. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v. 5, n. especial, p. 55-64, 2007.
- AZEVEDO, Emílio. **O caso do Convento das Mercês: as marcas do atraso político e a ilegalidade envolvendo o patrimônio público**. São Luís: Lithorgraf, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- Bezerra saúda novo filiado: Cafeteira**. O Imparcial, Política, São Luís, p. 03. 03 maio 1986.
- BORGES, Arleth Santos. **Partidos, eleições e conexão eleitoral no Maranhão**. In: *Conexão Eleitoral e Atuação Parlamentar – representantes e bases eleitorais no Maranhão*. Rio de Janeiro, 2005. (Tese de Doutorado), IUPERJ.
- Bosco diz que ata é ilegal**. O Estado do Maranhão, São Luís, p. 03. 01 set. 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRENER, Jayme. **Dossiê das concessões de tv**. Disponível em: <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- BRUNO, Chico. **Donos do poder: os coronéis eletrônicos**. Disponível em: <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- BUNN, Maria Cristina. Clientelismo e sociedade civil: crítica a um texto equivocados. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 1, n. 1, p. [não indicado], 1995.
- BUNN, Maria Cristina. Movimentos sociais, ONGs, redes de movimentos. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v. 1, n. especial, p. [não indicado], jun. 2006.

- Cafeteira chega e fala como vitorioso:** Nossa Senhora quis que eu esperasse 20 anos para governar o Maranhão. *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 01. 03 maio 1986.
- Cafeteira define acordo com prefeitos.** *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 02 maio 1986.
- Cafeteira recebe apoio dos Prefeitos.** *O Estado do Maranhão*, Política, São Luís, p. 03. 05 maio 1986.
- Cafeteira tem audiência hoje com governador Luiz Rocha.** *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 06 maio 1986.
- Cafeteira vai amanhã ao encontro de Rocha.** *O Estado do Maranhão*, Política, São Luís, p. 03. 04 maio 1986.
- Cafeteira vai debater sobre educação.** *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 04 jun. 1986.
- Cafeteira, disparado, pode ser campeão de votos no país.** *O Estado do Maranhão*, Política, São Luís, p. 03. 14 out. 1986.
- Cafeteira, Magno e Alexandre na frente.** *O Imparcial*, São Luís, p. 01. 25 out. 1986.
- Cafeteira, para Sarney Filho, não representa continuísmo.** *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 01 out. 1986.
- Cafeteira:** “Só Deus impedirá a minha vitória em novembro”. *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 29 out. 1986.
- Cafeteira:** é hora de esquecer o passado e pensar no futuro. *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 04 maio 1986.
- CALDEIRA, José de Ribamar C. Estabilidade social e crise política: o caso do Maranhão. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, [s.l.], p. [não indicado], [19--].
- Campanha acirra discursões:** candidatos são homologados e preparam os seus arsenais. *O Imparcial*, São Luís, p. 03. 05 jun. 1990.
- Castelo chega e não teme Cafifa.** *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 14. 04 maio 1986.
- Castelo vai meter a ripa nos palacianos.** *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 06. 15 out. 1986.
- Castelo, eufórico, pensa vencer no primeiro turno.** *O Imparcial*, São Luís, p. 03. 08 maio 1990.
- CASTILHO, Alceu. **Coronelismo eletrônico se instala no Senado.** Disponível em: <http://www.abert.org.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- Cerco a Rocha.** *O Imparcial*, Bastidores, São Luís, p. 03. 11 jun. 1986.
- CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da. **O rapto da máscara mortuária:** as astúcias enunciativas da Coluna Sarney e a composição – transformação de identidades públicas nas eleições de 1994. Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura), Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Convenção vai mostrar força de Edison Lobão.** *O Imparcial*, São Luís, p. 03. 16 maio 1990.
- Convenções oficializaram chapa de João Castelo.** *O Imparcial*, São Luís, p. 03. 03 jun. 1990.
- Cordão rompido.** *O Imparcial*, Bastidores, São Luís, p. 03. 19 jun. 1986.
- COSTA, Wagner Cabral da. **História do Maranhão:** novos estudos. São Luís: EDUFMA, 2004.
- COSTA, Wagner Cabral da. **Sob Signo da Morte:** decadência, violência e tradição em terras do Maranhão. Campinas, 2001. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas.
- Deputada Terezinha Fernandes identifica mão poderosa no Senado:** José Sarney tenta outra vez barrar o projeto de combate à pobreza do MA. *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 03. 04 mar. 2005.
- Desfecho favorável, diz deputado Lago.** *O Imparcial*, Política, São Luís, p. 03. 04 maio 1986.
- Discurso do Presidente no Teatro “Artur Azevedo”.** *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 03. 04 out. 1986.
- Editorial repercute no Maranhão.** *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 03. 07 jun. 1990.
- EDWARD, José. **O começo do fim das oligarquias.** Disponível em: <http://veja.abril> Acesso em 01 mar. 2026.
- Encenação da traição.** *O Imparcial*, São Luís, p. 03. 07 maio 1990.
- Entre o passado e o futuro.** *O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 04. 29 out. 2006.
- GONÇALVES, Maria de Fátima da C. **A reinvenção do Maranhão dinástico.** São Luís: EDUFMA; PROIN, 2000.

- Impasse persiste na Frente.** O Imparcial, São Luís, p. 03. 27 maio 1990.
- José Reinaldo destrói “frente” e ainda procura seu candidato:** governador inicia o ano eleitoral sem definir o nome para sua sucessão. O Estado do Maranhão, São Luís, p. 03. 22 jan. 2006.
- José Reinaldo diz que não poderia haver notícia pior para o Maranhão:** ato criminoso de Sarney prejudica quase meio milhão de pobres no MA. Jornal Pequeno, São Luís, p. 03. 23 dez. 2004.
- JP entrevista Deputada Luiza Erundina Relatora da Subcomissão que vai rever a Radiodifusão Brasileira: Câmara Federal vai abrir ‘caixa-preta’ do “coronelismo eletrônico” no Brasil.** Jornal Pequeno, Política, São Luís, p. 03. 13 jul. 2004.
- KINZO, Maria D’Alva G. Partidos, eleições e democracia no Brasil pós-1985. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 54, p. [não indicado], fev. 2004.
- L. Rocha reafirma lealdade a Sarney.** O Estado do Maranhão, Política, São Luís, p. 03. 06 maio 1986.
- LIMA, Venício. **Concessões de rádio e tv:** as bases do novo coronelismo eletrônico. Disponível em: <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- LIMA, Venício. **Propriedade e diversidade:** existe concentração na mídia brasileira? Disponível em: <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- Lobão sempre venceu Castelo em eleições.** O Estado do Maranhão, São Luís, p. 03. 07 jun. 1990.
- Luiz Rocha afirma:** Não vou subir no palanque de Cafifa. Jornal Pequeno, São Luís, p. 01. 08 maio 1986.
- MACIEL, Lindalva M. Maia. **Das Gerências de Desenvolvimento ao Estado Eficiente.** In: A reforma do ensino médio e os impactos na escola noturna: uma análise da concepção da reforma pelos sujeitos da escola média noturna. São Luís, 2002. (Dissertação de Mestrado em Educação), Universidade Federal do Maranhão.
- Maranhão 66 posse do governador José Sarney.** Direção: Glauber Rocha. Produção: MAPA – Luiz Carlos Barreto e Zelito Viana. Reportagem cinematográfica de Glauber Rocha e Fernando Duarte. Rio de Janeiro, 1966. 1 DVD.
- Maranhão sob ameaça de Intervenção Federal.** Jornal Pequeno, São Luís, p. 08. 24 out. 1986.
- MARROCO, Beatriz. **José Sarney, a censura e o coronelismo eletrônico.** Disponível em: <http://midiaepolitica.unb.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- MEDRADO, Benedito. **Produção de sentidos no cotidiano:** uma abordagem teórico-metodológica para análise de práticas discursivas. In: Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Mary Jane P. Spink (Org.). São Paulo: Cortez, 1999.
- MEDRADO, Benedito. **Textos em cena:** a mídia como prática discursiva. In: \_\_ Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Mary Jane P. Spink (Org.). São Paulo: Cortez, 1999.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Na antevéspera da campanha:** Governo Zé Reinaldo derrama 100 milhões em convênios quase suspeitos. Jornal Pequeno, São Luís, p. 07. 20 set. 2002.
- O dilema da esquerda.** O Estado do Maranhão, Estado Maior, São Luís, p. 03. 02 jun. 1990.
- O dilema da esquerda.** O Imparcial, Bastidores, São Luís, p. 03. 01 maio 1990.
- O fim do fim.** Coluna do Sarney. O Estado do Maranhão, São Luís, p. 01. 31 dez. 2006.
- Paiva, Uilson. **Pobreza cresceu nas duas gestões de Roseana.** O Estado de São Paulo, Política, São Paulo, p. A8. 30 set. 2001.
- Palavra de Sarney.** O Estado do Maranhão, São Luís, p. 01. 05 out. 1986.
- PFL homologa hoje Lobão como candidato.** O Imparcial, São Luís, p. 03. 17 jun. 1990.
- Polícia continua no Palácio.** O Imparcial, São Luís, p. 03. 17 jun. 1990.
- REIS, Flávio Antonio M. **O processo político de constituição da oligarquia:** a constituição da oligarquia política regional e a crise os anos 80. In: Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão de 1850 a 1930. São Luís, 1992. (Dissertação). [sem referências].
- REIS, Flávio Antonio M. **Oligarquia, Estado e empresariado no Maranhão.** **Revista Desenvolvimento & Cidadania**, [s.l.], n. 8, p. [não indicado], jun./jul./ago. 1992.

- Saco de gatos.** O Estado do Maranhão, Estado Maior, São Luís, p. 03. 10 out. 1986.
- Sarney anuncia a instalação de siderúrgica em São Luís.** O Imparcial, Política, São Luís, p. 03. 04 out. 1986.
- Sarney Filho diz que o povo não quer pistolagem.** O Estado do Maranhão, São Luís, p. 03. 22 set. 1990.
- Sarney Filho:** fui traído por Cafeteira. O Imparcial, São Luís, p. 03. 08 maio 1990.
- Sarney na hora do desespero:** ex-presidente fala de trabalho e honestidade para animar seus fiéis. Jornal Pequeno, Colunão, ano 06, nr. 197, p. 01, São Luís, 15 set. 2002.
- Sarney reafirma apoio ao candidato Cafeteira.** O Imparcial, São Luís, p. 06. 01 maio 1986.
- Sarney usa o sobrinho para tentar desmoralizar Cafeteira.** Jornal Pequeno, São Luís, [p. 08] ju. 1990.
- SILVA, Ilse Gomes. **Democracia e participação na “reforma” do Estado.** São Paulo: Cortez, 2003.
- SILVA, Ilse Gomes. **Entre o local e o nacional:** a “reforma” do aparelho do Estado do Maranhão. In: Participação Popular e “Reforma” do Estado Brasileiro nos anos 1990: contradições e impasses. São Paulo, 2001. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SIMON, Gustavo. **Dura batalha:** se promover democratização, Lula encontrará 133 parlamentares donos de concessões no Congresso Nacional. Disponível em: <http://portaldaimprensa.com.br> Acesso em 01 mar. 2026.
- SOARES, Flávio. **Eleições e partidos:** a representação falsa. In: Barbárie e simulacro no Jornal de Timon de João Francisco Lisboa. Recife, 2002. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco.
- SOUSA, José Pedro G. et al. **Dicionário de política.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.
- TOLEDO, Roberto. **Fortunas e azares do coronelismo eletrônico.** Disponível em: <http://veja.abril> Acesso em 01 mar. 2026.
- TRE tira coligação Maranhão livre do ar.** Jornal Pequeno, São Luís, p. 03. 29 ago. 1990.
- Um fracasso chamado Prodim.** Especial. O Estado do Maranhão, São Luís, [página não indicada] 19 ago. 2007.
- VIANA, Andréa. **De antena ligada.** Disponível em: <http://www.unb.br> Acesso em 01 mar. 2026.